

Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”

Katya Lucianne de Oliveira¹

Levisky, D. W. (org.). 2001. **Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 337 p.

A violência é algo que assola nossa sociedade de uma forma muito brutal e as autoridades pouco têm feito para resolver efetivamente este problema. Daí, a importância da obra resenhada, intitulada *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção*. Organizado por David Léo Levisky, o livro apresenta vinte e nove temas atuais e de relevância, escritos por colaboradores com notório conhecimento na área. O próprio Levisky, de forma bastante abrangente, apresenta e introduz o livro com riqueza de detalhes, o que instiga o interesse do leitor.

Angelina Peralva inicia o livro trazendo o tema *Violência brasileira entre crescimento da igualdade e fragilidade institucional*. Afirma que no Brasil os cidadãos vivem em níveis muito altos de risco urbano, sofrendo um processo de banalização da violência. Faz uma análise crítica ressaltando que neste país não há instituições eficazes para manter a ordem pública, tornando-se emergente a necessidade de se proporem respostas institucionais aos conflitos da vida democrática.

Violência brasileira: o privado e o público, é o título do capítulo escrito por Roberto Romano. A ênfase maior é dada ao fato de que a violência brasileira pode ser especificada como a violência dos dominados e dos dominantes, sendo que atualmente a sociedade pública e privada é governada pelo sistema de favoritismo e comradrio, não diferente das antigas relações coronelistas.

As considerações sobre *Globalização e violência*, são realizadas em dois capítulos escritos por Pierre J. Ehrlich e Jorge Wilhelm. Para Ehrlich a globalização é inevitável, não sendo considerada um fator de violência. Entretanto, observa-se que a globalização é, para a elite, o que causa um grande aumento da discriminação social e conseqüentemente da violência. Na opinião de Wilhelm o mundo globalizado muda rapidamente,

gerando certa angústia e instabilidade nas pessoas, entretanto o que mais preocupa são a concentração de riquezas, a exclusão dos jovens e a vida anônima nas megacidades, que são fatores favorecedores do aumento da criminalidade.

Jaime Spitzcovsky escreve o capítulo sobre *Os adolescentes, vítimas e personagens de guerras no século 21*. Traz à tona a triste realidade, noticiada todos os dias na televisão, segundo a qual muitos jovens são utilizados de diversas formas em guerras civis, étnicas, religiosas, territoriais e econômicas, o que resulta em sérios danos físicos e emocionais.

Desorganização política e problemas de escala São Paulo metrópole é o assunto discutido por Norman Gall. Defende que a desorganização política do governo do estado e dos trinta e nove municípios de São Paulo geram grandes problemas como a falta de segurança, de boas escolas, de programas de habitação e desenvolvimento. Quanto à necessidade de boas escolas, Bruno Paes Manso realiza as considerações do capítulo subsequente com o título *As escolas paulistas*. Nesse capítulo destaca que a escola é o meio institucional mais confiável e seguro para fazer o Brasil crescer. No entanto, a falta de comprometimento das autoridades é evidente, resultando em uma situação lastimável do atual ensino brasileiro, quando os alunos são vítimas e autores de vários episódios violentos dentro da escola.

Luiz Serpa Pessanha versa sobre o tema *Adolescência – tanto faz?* Considera a adolescência como uma fase de grande conturbação na vida do jovem, sendo a dificuldade de comunicação entre jovens e adultos algo inevitável. Dentro desse contexto destacam-se o papel da instituição, as armadilhas de consumo, a agressividade, a questão da globalização e a inserção no mercado de trabalho. Por fim, expõe cinco alternativas para a sociedade que, certamente, a longo

¹ Endereço para correspondência:
Rua Maestro Sebastião Peranovich, 415 – Atibaia/SP – 12940-000.
e-mail: katya_lincoln@ig.com.br

prazo, resultariam em jovens mais felizes e menos agressivos.

O usuário de maconha derruba vários mitos, entre eles o de que todo usuário tem problemas familiares, é uma pessoa problemática e fuma maconha para ser rebelde. Assim se inicia o capítulo *O uso da maconha e as alterações nos relacionamentos humanos*, escrito por Içami Tiba, que focaliza as diversas facetas do uso da maconha e suas conseqüências desastrosas para a vida do usuário.

Gravidez, prostituição infanto-juvenil, doenças sexualmente transmissíveis e auto-agressão: ações comunitárias são assuntos tratados por Roosevelt Moises Smeke Cassorla. Discute os aspectos da personalidade de jovens despreparadas para serem mães, abordando desde a questão das drogas e da criminalidade, até a inserção dessas jovens em seitas religiosas rígidas e radicais. No final do capítulo apresenta algumas possibilidades de intervenção para lidar com tais situações.

Dentro dessa perspectiva, Marion Minerbo e Giuliana Gouveia expõem o tema *Aids: uma doença socialmente transmissível*. As autoras apresentam um caso de uma paciente soropositiva e, dentro de uma interpretação psicanalítica, abordam os aspectos psicodinâmicos da personalidade da paciente. O capítulo é concluído com a visão de que a contaminação, de uma forma geral, é o produto do ambiente familiar e social extremamente conturbados.

A Caracterização do abuso sexual intrafamiliar, por meio de dados elaborados no CEARAS – Centro de Estudos e Atendimento Relativos ao Abuso Sexual, é realizada por Gisele Joana Gobetti e Cláudio Cohen. Trazem dados obtidos em pesquisas, dando uma visão geral da assustadora realidade brasileira quanto a esse tipo de violência. No capítulo subsequente Malvina Muszkat trata o assunto *Violência intrafamiliar: novas formas de intervenção*. Para Muszkat, a violência doméstica é algo lamentável, não sendo problema exclusivo da mulher. Essa violência também atinge aspectos da dinâmica familiar e social e juntamente com a desorganização familiar pode provocar o desajustamento emocional da criança. A política vigente para tratar essa questão não tem sido eficaz, pois ainda não atingiu o centro do problema.

Não se deve ignorar que muitos atos violentos são cometidos por jovens infratores e que, quando detidos, esses jovens são encaminhados para a Febem, a fim de serem recuperados. Porém, será que a Febem tem exercido o papel de agência recuperadora do jovem infrator? Esta questão é tratada por Maria Luiza Marcílio, no capítulo *O jovem infrator e a Febem de São Paulo história e atualidade*.

Sob esse enfoque, são desenvolvidos os três capítulos seguintes, o primeiro, escrito por Antônio Augusto Guimarães de Souza, o segundo por Ebenézer Salgado Soares e o terceiro por Maria de Lurdes Trassi Teixeira, tratando dos temas *O judiciário protege a criança e o adolescente?*, *O ato infracional à luz do estatuto da criança e do adolescente e o poder judiciário - Lei n.º 8.069/90* e *O futuro do Brasil não merece cadeia*, respectivamente. Esses três capítulos dão uma visão atual de como o jovem, adolescente e a criança são tratados perante a justiça, bem como, discutem algumas ações necessárias, visando à diminuição da violência principalmente no que tange ao jovem.

Adolescência e violência são assuntos que, sem dúvida, geram grandes discussões e debates, e deles podem surgir diversas contribuições. Desse modo, os doze capítulos finais tratam da questão da prevenção e remediação das várias formas de violência. Para facilitar o entendimento, dividiram-se os doze capítulos em dois blocos de cinco temas e um bloco de dois temas, conforme segue.

Os cinco capítulos do primeiro bloco, com os temas *A contribuição à dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades*, *Adolescência, violência e a família na cultura atual técnicas de trabalho grupal e familiar*, *Grupos e prevenção*, *Construindo esperança em tempo de violência* e *A mediação da violência na educação*, foram escritos, respectivamente, por David Zimerman, Ruth Blay Levisky, Waldemar José Fernandes, Júlio Lancelotti e Margarida Azevedo Dupas. Esses autores propõem formas de trabalhos que geralmente são em grupos com enfoque psicanalítico, corroborando a idéia de que há meios de interromper o crescimento desenfreado da violência, à medida que haja mais ações públicas e privadas. Todos os capítulos desse bloco são ricos em soluções, considerando as inúmeras adversidades encontradas nesse tipo de atuação.

No outro bloco, destacam-se os capítulos: *Violência e juventude em Diadema: uma experiência de mil e tantas leituras*, escrito por Maridite Cristovão Gomes de Oliveira, que traz as contribuições positivas da criação do círculo de leitura em uma escola da periferia de Diadema, *LAC: liberdade e acesso à cultura - uma proposta socioeducativa para os adolescentes em conflito com a lei*, assunto trazido por Isabel Aparecida dos Santos e Cláudio Hortêncio Costa, que discorrem sobre a liberdade assistida comunitária, os fatores que contribuem para que o jovem cometa algum delito e o papel do educador ante o jovem infrator; *Trabalho do adolescente: oportunidade x exploração*, escrito por Daniel de Bonis, que expõe o que a lei prescreve sobre o trabalho infantil, chamando a atenção para a questão do trabalho em regime de aprendizagem, bem como, a formação profissional e o

primeiro emprego do jovem; *Projeto círculo de leitura: a palavra como sustentáculo da identidade e da cidadania*, assunto tratado por Catalina Pagés de Lama e colaboradores que descrevem um projeto realizado com jovens entre doze e vinte e um anos, do município de Diadema que, além do círculo de leitura, contava com outras atividades culturais; e *Rede de observatórios de Direitos Humanos – a implementação do projeto piloto*, assunto tratado por Marcelo Daher, Fernando Salla e Andrei Koerner. Os autores mostram um projeto que, com o apoio da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça e do programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, tem proporcionado a formação, o aprimoramento, a integração e a capacitação do jovem ante assuntos de âmbitos comunitários, de direitos humanos e comunicação.

O último bloco traz os dois capítulos finais do livro, capítulos que oferecem uma percepção do papel que a mídia exerce na questão da violência. Percival de Souza escreve *A mídia na prevenção da violência: a violência na mídia e a mídia violenta* e, sobre o mesmo tema, no capítulo final, temos Rui da Silva Nogueira. Os autores concluem que a mídia influi e é influenciada pela sociedade e que, mesmo com um maior comprometimento diante de questões sociais, muitas

vezes assume apenas o papel de mero interlocutor de políticos e autoridades, não favorecendo os debates e questionamentos necessários.

Embora alguns capítulos sejam demasiadamente curtos, o que prejudica o aprofundamento, esse fato não ofusca a qualidade do livro, pois a obra é riquíssima em temas relacionados à adolescência e à violência. A maioria dos capítulos apresenta amplas referências bibliográficas, o que facilita aos interessados a busca de novos livros sobre o assunto e o questionamento das questões levantadas. De forma geral, os textos favorecem uma visão de esperança ante a violência, visto que, embora tragam dados atuais preocupantes, também apresentam formas de remediação e prevenção da situação. A linguagem é acessível, com temas que se completam sucessivamente. O livro pode ser recomendado a psicólogos, educadores, estudantes, pais e a todos os profissionais que trabalham com adolescentes, sendo um material que não pode faltar nas bibliotecas das universidades, em virtude de seu variado repertório de assuntos.

Recebido em 18/03/2002

Revisado em 20/05/2002

Aceito em 24/05/2002

Sobre a autora:

Katya Lucianne de Oliveira é psicóloga e aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Universidade São Francisco.

